



A invasão do Iraque revista num 'thriller' com Matt Damon

Cinema. 'Green Zone' resulta do empenho de Greengrass, que investigou e aproveitou relatos e análises de jornalistas americanos

JOÃO LOPES

Para o cineasta inglês Paul Greengrass, a invasão do Iraque, em 2003, começou por surgir como uma opção correcta, no sentido de desmantelar a ditadura de Saddam Hussein e ajudar a construir um regime democrático. O certo é que o evoluir da situação, a instalação de um clima de violência e instabilidade e, em particular, o reconhecimento de que não existiam as célebres ADM (armas de destruição maciça) levaram-no a repensar a sua visão, discutindo, sobretudo, alguns modos de actuação do exército americano. O filme *Green Zone* — entre nós lançado com o título *Combate pela Verdade* — é uma consequência directa desse processo pessoal, ao mesmo tempo político e moral.

O empenho de Greengrass em abordar a situação conduziu-o a um minucioso trabalho de investigação, nomeadamente através dos relatos e análises de alguns jornalistas americanos que estiveram no terreno, primeiro testemunhando a queda de Saddam, depois dando conta da construção de um perímetro de segurança em Bagdad, a célebre Green Zone (Zona Verde) onde os EUA instalaram as chefias das suas estruturas políticas e militares. Na sequência de tal trabalho, Greengrass veio mesmo a adquirir os direitos de adaptação cinematográfica do livro *A Vida Imperial na Cidade Esmeralda*, da autoria de Rajiv Chandrasekaran, jornalista do *Washington Post* (a tradução portuguesa, com chancela das Edições 70, acaba também de chegar ao mercado).

De início, tratava-se de adaptar o livro de Chandrasekaran quase como um prolongamento jornalístico. Seria um documentário

crítico sobre as motivações da invasão do Iraque e, em particular, dando conta do modo como os soldados foram levados a procurar algo que, de facto, não estava lá. O certo é que os resultados corriam o risco de encontrar uma difusão mais ou menos restrita e "especializada". E, para Greengrass, era importante chegar ao maior número possível de espectadores. Daí a decisão de avançar para um objecto com outra escala de produção: não uma "adaptação", mas um filme "inspirado" no livro, um *thriller* de grande produção sobre a acção das tropas americanas em Bagdad. Para tal, o realizador recorreu aos serviços do argumentista Brian Helgeland (que já escrevera, por exemplo, *Mystic River*, em 2003, para Clint Eastwood), contando com Matt

Damon no papel principal, retomando a colaboração com o actor, depois de o ter dirigido nas aventuras do agente secreto Jason Bourne, em *Supremacia* (2004) e *Ultimato* (2007).

Matt Damon surge, assim, numa personagem que funciona como um pretexto para colocar as perguntas mais incómodas. Ele é Roy Miller, líder de um batalhão cuja missão consiste, precisamente, em descobrir e desmantelar os locais onde estariam escondidas as ADM.

O certo é que as informações dos serviços secretos conduzem-no a situações no mínimo bizarras, incluindo a invasão de uma fábrica de... loiças sanitárias. Daí a dimensão clássica de filme de guerra que encontramos em *Combate pela Verdade*: mais do que uma visão global dos acontecimentos, trata-se de retratar as acções específicas dos soldados, no terreno, dando especial ênfase ao modo como esses soldados avaliam a sua própria missão.

Personagem de Matt Damon traz as questões incómodas



FOTOS DIRECTOS RESERVADOS



Em cima, cineasta inglês Paul Greengrass com Matt Damon, Roy Miller no 'Green Zone'

OPINIÃO

O regresso do cinema liberal



JOÃO LOPES
Crítico

Desde David W. Griffith até David Fincher, nunca a frondosa produção de Hollywood pôde ser reduzida a uma mera ostentação tecnológica. Hoje em dia, com o novo-riquismo jornalístico que trata o espectáculo cinematográfico como mera exibição de "efeitos especiais", importa revalorizar as raízes mais fundas do património *made in USA* (e não só).

Que é como quem diz: a arte de contar histórias e, em particular, o empenho em continuar a contar histórias que nos ajudem a lidar com as dúvidas e inquietações do nosso tempo. *Combate pela Verdade*, de Paul Greengrass, é um belo exemplo, não apenas porque lida com traumas da invasão do Iraque, mas também porque ilustra o persistente envolvimento de cineastas ingleses com os grandes estúdios americanos (Greengrass nasceu em Surrey, em 1955, tendo estudado em Cambridge e começado na televisão, no programa *World in Action* da ITV). *Combate pela Verdade* relança mesmo uma matriz liberal indissociável da história política de Hollywood. Encontramos as suas raízes em autores como

Richard Brooks (1912-1992) ou Sydney Pollack (1934-2008) e não necessariamente num sentido panfletário: o cinema liberal é aquele que discute os grandes temas políticos a partir da experiência singular do indivíduo. O soldado interpretado por Matt Damon surge, assim, como um protagonista levado a interrogar a sua própria posição no sistema (militar) que o enquadra. Não por contestação dos respectivos valores, mas pela contradição que detecta entre tais valores e a sua tradução prática no terreno. Para além do brilhantismo narrativo, *Combate pela Verdade* é também um filme que nos permite pensar para além do maniqueísmo de alguma (des)informação.